

Rastreamento de doenças

Rastreamento é uma intervenção médica pela qual se procura indícios ou pistas de anomalias de natureza bioquímica, genética, morfológica, funcional ou comportamental, que tenham relevância à saúde individual ou coletiva. Objetiva identificar doenças ou problemas que afetam à saúde, mas que ainda não se manifestaram clinicamente. Trata-se de situação pré-clínica. É também chamado popularmente de check-up.

Quando a pessoa tem sintomas, não necessita check-up, mas consulta para diagnosticar sua causa, embora seja possível associar uma investigação diagnóstica.

O rastreamento de doenças é uma das mais concretas contribuições da medicina para a prevenção de doenças e promoção de saúde. A partir dos anos 70, tornou-se mais acessível e adquiriu o formato atual, como um painel predefinido de exames clínicos, laboratoriais e de imagem, supostamente capaz de fornecer uma fotografia momentânea completa da saúde do paciente.

Porém, como tudo que envolve medicina, por mais popular e aceita que seja, é preciso provar que este procedimento funciona. Várias entidades se empenham em oferecer diretrizes preventivas baseadas em boa evidência científica. Para tanto realizam análises e interpretam resultados de estudos sobre rastreamento. Assim, a máxima de que fazer exames preventivos nunca prejudicam o paciente, muitas vezes tidas como inquestionáveis, passaram a ser relativizadas, quando estudos provaram que o uso abusivo ou inadequado pode prejudicar o paciente, como no caso de resultados falso-positivos. Devemos lembrar que as referências americanas e canadenses não podem ser extrapoladas de uma maneira açodada devido a diferenças ambientais, culturais, étnicas e socioeconômicas.

Genericamente um bom rastreamento deve levar em conta:

1. A etiopatogenia e importância regional da doença ou problema a rastrear.
2. A disponibilidade, segurança, acurácia, reprodutibilidade, relevância epidemiológica do teste.
3. Disponibilidade e segurança.
4. Efetividade da prevenção, tratamento precoce ou outro que seja capaz de mudar a história natural da doença no período pré-clínico.
5. Condições de saúde, exposição a fatores de risco e valores do grupo em estudo.
6. Respeito a princípios éticos da prática médica;
7. Viabilidade do custeio de toda a cadeia de eventos desde o rastreamento.

Nem todas as doenças ou problemas que podem prejudicar a saúde se prestam para ser incluídos em uma lista de rastreamento. Uma doença é candidata a ser

rastreada se sua prevalência for significativa e que seja ativa na população-alvo. Mesmo doenças de alta prevalência nem sempre precisam ser rastreadas ou por ter pequeno impacto na saúde ou por existirem meios mais adequados de abordá-los. Assim, exames de parasitose intestinal, problema prevalente em populações carentes, deveriam ser abordados com saneamento básico, não com rastreamento protoparasitológico.

Doenças de evolução crônica com períodos pré-sintomáticos que se arrastam por anos são mais afeitas a serem rastreadas do que doenças agudas, nas quais o desfecho é mais rápido. Assim a diabetes melito tipo II e a Hipertensão arterial sistêmica podem permanecer vários anos sem sintomas antes da detecção, podendo ser diagnosticado por exames laboratoriais, enquanto algumas formas de câncer de evolução agressiva, acabam escapando de rastreamento.

Historicamente estabeleceu-se o exame médico completo com anamnese detalhada e exame físico como a primeira etapa de um check-up, entretanto não foram demonstradas a sua utilidade nas revisões sistemáticas, sendo aceito atualmente que, baseando-se no sexo, idade, antecedentes familiares e histórica de exposição a riscos é possível rastrear individualmente com impacto positivo na saúde dos pacientes.

A primeira prioridade que se espera de um bom método de rastreamento é que seja sensível, que tenha baixo percentual de falsos-negativos. São aceitáveis valores entre 80 e 90% de sensibilidade.

Do ponto de vista técnico, espera-se que o exame seja seguro para o paciente não colocando em risco sua saúde mental e física. Isso é mais pertinente em procedimentos invasivos, como punções e endoscopias. A reprodutibilidade do exame aumenta a confiabilidade deste teste.

Finalmente a sobretestagem e sobrediagnóstico são motivos de preocupação. Estudos demonstram que quanto maior a quantidade de exames solicitados, maior a probabilidade de variações indevidas em relação a normalidade. Devemos lembrar que os valores de normalidade devem ser avaliados criticamente. Sabemos que 5% das pessoas com resultados fora da faixa definida, não significa necessariamente doença ou outra implicação a saúde da pessoa.

Concluindo, a evolução tecnológica e sua interface com a área de negócio da saúde vão continuar a caminhada na tentativa de suprir demandas sociais. Devemos manter o foco no bem-estar das pessoas em torno de quem gira todo o sistema de saúde, com as melhores soluções de rastreamento médico tendendo a passar pelo compartilhamento de decisões entre profissionais de saúde e pacientes bem informados.

Fonte

Rastreamento de Doenças: Inovando o Check-up

Mario Ferreira Junior.